

Opressões interseccionais e resistências do trabalho doméstico no Brasil a partir dos estudos de comunicação e gênero

Intersectional oppressions and resistances of housework in Brazil from communication and gender studies

R E V I S T A
compolítica

revista compolítica
2021, vol. 11(3)
compolitica.org/revista
ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2021.11.603

Resenha do livro “Comunicação, Gênero e Trabalho Doméstico: das reiteraões coloniais à invenção de outros possíveis”, organizado por Danila Cal e Rosaly Brito

Lígia Isis Pinto Bernar

Universidade Federal do Pará
[Federal University do Pará]

Resumo

A obra “Comunicação, Gênero e Trabalho Doméstico: das reiteraões coloniais à invenção de outros possíveis” é uma coletânea de quatorze textos de trabalhadoras domésticas, ex-trabalhadoras domésticas, pesquisadoras e pesquisadores das áreas da Comunicação, Antropologia, Psicologia e Sociologia que debatem a situação do trabalho doméstico em enfoques distintos. A leitura da obra oferece uma lente complexa e problematizadora em direção à compreensão do fenômeno do trabalho doméstico remunerado e não-remunerado na Amazônia e no Brasil a partir dos estudos embasados nos processos de mediação, representações e coberturas midiáticas, dimensão simbólico-discursiva dos sentidos, das teorias dos feminismos negro, decolonial, interseccional e das opressões e desigualdades atravessadas pelos marcadores sociais de raça, gênero, classe e territorialidade.

Palavras-chave: Comunicação, feminismos, trabalho doméstico, trabalhadoras domésticas

Abstract

The work “Communication, Gender and HouseWork: from colonial reiterations to the invention of other possible ones” is a collection of fourteen texts by researchers from the areas of Communication, Anthropology, Psychology and Sociology, as well as domestic workers who debate the situation of domestic work in different analysis frameworks. The reading of the work offers a complex and problematizing lens towards the understanding of the phenomenon of paid and unpaid housework in the Amazon and Brazil based on studies on the processes of mediatization, representations and media coverage, symbolic-discursive dimension of the senses, the theories of black, decolonial, intersectional feminisms and the oppressions and social inequalities crossed by race, gender, class and territoriality.

Keywords: *Communication, feminisms, housework, domestic workers.*

Opressões interseccionais e resistências do trabalho doméstico no Brasil a partir dos estudos de comunicação e gênero

Lígia Isis Pinto BERNAR

Escrita por mãos de 22 autoras e autores do campo da Comunicação, Sociologia, Psicologia e Antropologia, incluindo as organizadoras da obra, Danila Gentil Rodriguez Cal e Rosaly de Seixas Brito, o livro “Comunicação, Gênero e Trabalho Doméstico: das reiteraões coloniais à invenção de outros possíveis” foi construído a partir do Grupo de Pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa) em forma de uma coletânea de quatorze capítulos, divididos em duas partes.

A primeira, “Sob o véu das opressões interseccionais”, apresenta seis capítulos que dissertam sobre a origem do trabalho doméstico remunerado e não-remunerado na Amazônia e em outras regiões do país. A segunda parte da obra, “Trabalhadoras Domésticas em cena”, conta com oito capítulos que debatem o trabalho doméstico sob diversas lentes, análises comunicacionais e também repercussões em torno da “PEC das Domésticas”, aprovada em 2013, que visou equiparar os direitos das trabalhadoras domésticas aos direitos dos demais trabalhadores, originando dessa forma a Emenda Constitucional nº 72/2013 e a Lei Complementar nº 150/2015.

Sem se desconectar do contexto histórico pelo qual estamos inseridas, alguns capítulos, principalmente na segunda parte da obra, abordam a relação da situação do trabalho doméstico e das trabalhadoras domésticas com a pandemia.

Esta obra foi publicada em meio a um cenário sem precedentes na história, a crise sanitária global da pandemia da covid-19, causada pelo novo coronavírus. Segundo David Harvey (2020 *apud* CAL; BRITO, 2020), a pandemia que desvelou a falência da lógica neoliberal global também colocou luz às desigualdades sociais e as opressões interseccionais que a sociedade capitalista invisibilizava por estar mais preocupada em manter o *status quo* tão

celebrado pelo sistema - que enriquece poucos e deixa muitos na miséria - inclusive no Brasil, 19 milhões de pessoas passaram fome¹ no fim de 2020.

No auge da crise do coronavírus no Brasil, em março de 2020, a primeira morte registrada no Rio de Janeiro, foi a de uma trabalhadora doméstica, contaminada pela sua empregadora recém-chegada da Itália (IPEA, 2020 *apud* CAL; BRITO, 2020). E, mais ao nordeste do país, no Recife (PE), no dia 2 de junho de 2020, ocorreu a morte do menino Miguel Otávio, aos cinco anos de idade, que esteve por minutos sob cuidados de Sarí Cortes Real, empregadora de Mirtes Renata Souza, mãe de Miguel, que precisou passear com a cachorra da casa. Após alguns minutos, à procura da mãe, Miguel caiu de um prédio de classe alta de 35 metros de altura. O acontecimento representou de maneira exemplarmente triste, mais um caso extremo de exploração e subserviência do trabalho doméstico na sociedade brasileira.

A última audiência sobre o caso ocorreu em setembro de 2021 e não há prazo para sair o resultado do julgamento, de acordo com o Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJE-PA)². O livro é dedicado ao Miguel, sua mãe Mirtes, sua avó Marta e a todas as trabalhadoras domésticas do país.

Desvelando o véu das opressões interseccionais: um caminho para mais direitos e protagonismo das trabalhadoras domésticas?

O capítulo que abre a primeira parte do livro, “‘Lutas bem lutadas’: desigualdades sociais, família e início do trabalho doméstico” adotou como procedimento metodológico, realizar entrevistas no formato grupo focal. A equipe envolvida na elaboração do roteiro foi formada pelas professoras, Danila Cal, Rosaly Brito e a doutoranda Nathália Fonseca; na realização de entrevistas, Nathália Fonseca e Danila Cal; transcrição do material, Camila Leal, Bianca Galhardo e Cristiane Gonçalves.

¹ Pesquisa da Action Aid Brasil, Friedrich Ebert Stiftung Brasil (FES Brasil) e Oxfam Brasil, com apoio do Instituto Ibirapitanga, em dezembro de 2020. Ver mais em Referências Bibliográficas.

² Ver notícia em Referências Bibliográficas

A equipe optou por manter o modo coloquial das falas e entrou em contato com a Federação das Trabalhadoras Domésticas da Região Amazônica - FETRADORAM para indicações de possíveis participantes para uma entrevista. Por meio desse contato, chegou-se às trabalhadoras domésticas, Delha Santos, Elzalina Pamplona, Lucileide Reis e Maria Luiza Soares, que com a participação de Nathália Fonseca, falam sobre a inserção do trabalho doméstico, as tensões entre afeto e dominação no serviço doméstico. Algumas delas iniciaram esse tipo de atividade ainda crianças e cresceram em meio às famílias empregadoras.

As autoras participantes do grupo focal assinam mais dois capítulos ao longo do livro. Ambos da segunda parte da obra, “Trabalhadoras Domésticas em cena”, abrindo a seção com o capítulo ““Ainda tem muita luta pela frente”: trabalho doméstico, direitos, política e pandemia” com participação da professora Danila Cal. Durante o texto, as trabalhadoras domésticas ressaltam a luta política pela aprovação da “PEC das Domésticas”, a repercussão desta na vida das trabalhadoras, os desafios que se apresentam no governo de um presidente que, quando deputado, votou contra a ampliação dos direitos das trabalhadoras domésticas, além de destacar as mudanças no trabalho ocasionadas pelo novo coronavírus.

Eles estão no poder, eles pensam que eles podem tudo. Eles acham que as empregadas domésticas não são gente.

(...)

Eles acham que a trabalhadora doméstica tem que trabalhar mesmo doente, mesmo sem condição nenhuma, ela tem que trabalhar. Ela tem que morrer. Isso que eu entendi.³ (PAMPLONA; SOARES, 2020, p. 123, 125 e 126)

E fechando a seção “Trabalhadoras Domésticas em cena”, o capítulo ““Lutamos tantas outras guerras [...] essa é mais uma guerra que a gente precisa vencer’: afetações da crise e horizontes possíveis do trabalho doméstico” com participação da professora Rosaly

³ A primeira fala é de Elzalina Pamplona, 59 anos de idade, de Santa Cruz do Arari, na Ilha do Marajó (PA). A outra fala, de Maria Luiza Soares, 59 anos de idade, do estado do Maranhão. Iniciou, aos nove anos de idade, a sua trajetória no trabalho doméstico.

Brito, apresentou projeções para o futuro tanto do Brasil quanto do trabalho doméstico. E também confere aos leitores, um sentimento de esperança por dias melhores.

A doutora em Sociologia (IUPERJ) Maria Angélica Motta-Maués escreveu o texto “Uma vez “cria” sempre “cria” (?): adoção, gênero e geração na Amazônia”, onde conduz a história de dois casos de adoção de crianças em Belém (PA) por meio de um relato etnográfico que contemplam as diferenciações sobre o sistema das “crias”, pois de acordo com a pesquisadora, não há costume de falar sobre adoção, mesmo de forma informal - e geralmente ilegal, já que não há nenhum tipo de registro notarial deste tipo de ‘apadrinhamento’.⁴ “Quando muito se fala em “criação”, como no exemplo: ‘a menina que estou criando’. (MOTTA-MAUÉS *apud* CAL; BRITO, 2020, p. 39).

A professora Rosaly Brito no capítulo “Juventudes à margem: trabalho doméstico, corpos racializados e violências imemoriais” buscou referir-se a ‘juventudes’ por considerar um termo que não é homogêneo, mas está sujeito a variações históricas atravessadas por lógicas de poder e pelos marcadores sociais da diferença - de classe, de gênero, de raça e geracional. Segundo Brito, utilizar o termo “juventudes” é amplamente aceito como categoria analítica no campo das Ciências Sociais desde o século passado. A autora explora as imbricações entre infâncias, juventudes e trabalho doméstico compreendido como um “sintoma” colonial.

Em “‘Eu carrego comigo sete mulheres: elas viveram e vivem limpando a casa dos outros’: sobre o trabalho doméstico e suas imbricações”, a doutora em Sociologia (USP), Monica Conrado, busca compreender as bases da supremacia branca com consciência crítica a partir das teóricas do feminismo negro e decolonial, como *Maria Aparecida Bento, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, Angela Davis, bell hooks, Françoise Vergès e Grada Kilomba*. A autora evidencia práticas de subordinação, dominação racial, explorações e violências a partir das histórias de duas mulheres que receberam nomes fictícios, Verônica e Doroteia, de

⁴ Segundo a autora Maria Angélica Motta-Maués é uma outra denominação para a adoção. Seria uma forma de comunicar aos outros que aceitou uma criança doada por outra pessoa para auxiliar nas atividades domésticas da casa em troca supostamente de uma vida melhor com estudos, roupa e comida, mas na maioria das vezes, não envolve um salário.

origens e gerações distintas, mas que sofreram violências extremamente racistas e sexistas, por meio do *cárcere simbólico*⁵.

Conrado, em outro estudo, trouxe entrevistas realizadas com seis homens, brancos, classe média, entre 21 a 41 anos que referenciam, de acordo com a autora, rapazes de sua convivência como irmãos e colegas, gerando legitimação, em suas interpretações, de iniciação sexual, que podem ser identificadas como abusos, estupros e assédios sexuais com as *meninas que vêm do interior*⁶, como eram lembradas por mais de um entrevistado em sua pesquisa.

Eles disseram que elas 1. *Sabiam tudo sobre sexo*. 2. *Nunca forcei ninguém*. 3. *Elas gostam*. 4. *Não sabiam (os rapazes) nada porque apenas experimentavam*. 5. *São menos desejadas sexualmente, são do tipo feia. Não são o tipo que os meus conhecidos procuram para namorar, pra casar*. 6. *Quem não quer transar com o filho do patrão?* - intercursos sexuais em condições violentas em posições hierarquicamente desiguais, desumanizadas como objeto sexual em situação de abuso, estupro e intimidações - entre homem branco e filho do patrão, por um lado e menina pobre e morena, de outro. (CONRADO, 2008, p.179 apud CAL; BRITO, 2020, p. 69)

Luísa Dantas, mestre e doutora em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS) escreveu o capítulo “O trabalho doméstico remunerado como duração e intersecção: casos de domésticas em luta” enfatizando a atuação sindical de duas trabalhadoras domésticas, da região Sul e Nordeste do país, por meio de uma abordagem antropológica de pesquisa, a etnografia de duração que se constitui principalmente, segundo a autora, pelo conceito de *dialética temporal* de Gaston Bachelard (1989) e da *imaginação criadora* de Gilbert Durand (1980).

Danila Cal e Nathália Fonseca retornam junto com a doutora em Psicologia (UFPA), Rosângela Darwich para traçar “aproximações entre perspectivas feministas que questionam a colonialidade do saber - tanto ao acusar formas de subjugação quanto

⁵ O conceito de “cárcere simbólico” da autora Monica Conrado refere-se à práticas de violências e abusos sexuais por parte dos patrões que reprimiam psicologicamente, fisicamente e financeiramente os corpos de mulheres negras dentro das “casas de família” onde atuavam no trabalho doméstico remunerado e não-remunerado.

⁶ Termo utilizado pela autora Monica Conrado no capítulo.

apontando resistências frente a elas” (CAL; FONSECA; DARWICH, 2020, p. 101) no capítulo “Interfaces entre comunicação e feminismos do Sul Global: construindo direcionamentos analíticos”, com o objetivo de compreender como os processos comunicacionais, em sobreposição às perspectivas feministas do Sul Global, podem corroborar com a construção de um olhar crítico às formas de dominação e mais sensível às resistências e redes de solidariedade quando comparadas com estudos feministas hegemônicos.

O professor e pesquisador Leandro Lage é autor do capítulo “O levante de Benedita da Silva: subjetivação, dissenso e encenações políticas”, o qual analisa a intervenção da deputada Benedita da Silva (PT-RJ) que vestida com o uniforme de trabalhadora doméstica, discursa na Câmara dos Deputados no período de debates sobre a regulamentação da “PEC das Domésticas”. Para responder a dimensão performática e visível da subjetivação política como forma de resistência e levante, Lage utiliza os estudos de Judith Butler e o conceito de *partilha do sensível*⁷ do pensador francês Jacques Rancière.

As pesquisadoras Lorena Esteves, Camila Leal, Danila Cal e Rosaly Brito no capítulo “Telenovelas, interseccionalidade e relações de poder: representações midiáticas das trabalhadoras domésticas” analisaram as telenovelas “Avenida Brasil”, “A Regra do Jogo” e “Donas do Pedaço”, da Rede Globo, como espaços de produção simbólica sobre as trabalhadoras domésticas e suas vinculações sociais, considerando produções realizadas antes e após a aprovação da “PEC das Domésticas”. Vale ressaltar que as telenovelas por carregarem um teor de entretenimento também podem assumir um papel crítico e pedagógico ao trazer à tona questões pertinentes à sociedade e por utilizarem um meio de comunicação de massa que mobiliza à frente da televisão milhares de pessoas em seus lares.

⁷ “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. (RANCIÈRE, 2005, p. 15, grifo de LAGE *apud* CAL; BRITO, 2020, p.133).

As pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Kelly Prudêncio e Louize Nascimento, abordam o conceito de cordialidade ou “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda como argumento para interpretar a análise dos enquadramentos de fotografias de trabalhadoras domésticas nos jornais Estado de São Paulo e Folha de São Paulo no capítulo “‘Família cordial’: marcas visuais da desigualdade na cobertura noticiosa da ‘PEC das Domésticas’”.

A cobertura jornalística da “PEC das Domésticas” também é foco do capítulo “De anjos a trabalhadoras, de patrões gentis a falidos: enquadramento sobre a ‘PEC das Domésticas’ no jornalismo”, de autoria de Danila Cal, Maria Luiza Lopes e Thaís Rezende. Só que dessa vez, as autoras analisam como foram construídas as representações e os posicionamentos discursivos de trabalhadoras domésticas e patrões em jornais impressos de Belém do Pará, os jornais Diário do Pará e O Liberal, antes e depois da promulgação da PEC.

No capítulo “Ativismo digital, humor e o questionamento de hierarquias sociais na fanpage ‘Vagas Arrombadas’”, Nathália Fonseca, Luana Laboissiere, Danila Cal e Raphael Carvalho problematizam os anúncios de trabalho doméstico divulgados na fanpage e debatem que a publicização crítica dos conteúdos, trazem à tona hierarquias sociais por meio do ativismo digital.

Em “Miguel, filho do Brasil: interseções entre colonialidade, desigualdades e trabalho doméstico no contexto da pandemia”, de autoria de Danila Cal, Rosane Albino Steinbrenner, Lorena Esteves, Elias Serejo e Rosaly Brito, situou-se ao ocorrido com o menino Miguel como “elemento heurístico para a compreensão das desigualdades interseccionais relacionadas ao trabalho doméstico, que se agudizaram no contexto da pandemia da covid-19” (CAL; BRITO; ESTEVES; SEREJO; STEINBRENNER, 2020, p. 17).

Este capítulo também traz um depoimento autoetnográfico de Elias Serejo como filho de uma trabalhadora doméstica. Seu relato nos faz refletir sobre o papel social enquanto pesquisadores de comunicação e outras áreas do conhecimento nas lutas contra as opressões interseccionais e as desigualdades sociais que acometem, mulheres como a mãe

de Elias que está entre as cerca de seis milhões de mulheres que atuam no país, como trabalhadoras domésticas (IPEA, 2020 *apud* CAL; BRITO, 2020).

Enfim, a obra em tela contribui para os estudos de comunicação e gênero ao reunir pesquisas de Norte a Sul do país, sob diversas abordagens comunicacionais que auxiliam na compreensão das vulnerabilidades interseccionais das trabalhadoras domésticas, dos tempos da escravidão até os atuais, que continuam a perpetuar a lógica de uma ferida colonial incicatrizável, revelando relações de poder que atravessam uma linha do tempo com marcadores sociais de raça, gênero, classe e territorialidade. A leitura também provoca o exercício reflexivo de imaginar alternativas de superação dessas opressões interseccionais por meio da luta, resistência e redes de solidariedade que emergem na maior parte dos capítulos que compõem o livro.

Referência do livro

CAL, Danila; BRITO, Rosaly. Comunicação, Gênero e Trabalho doméstico: das reiteraões coloniais à invenção de outros possíveis. Curitiba: Editora CRV, 2020.

Referências bibliográficas

COUTINHO, Katherine. Audiência do Caso Miguel: 'querem culpar Miguel pelo que aconteceu', diz mãe de menino que morreu após cair de prédio. G1 PE, 2021. Disponível em: <https://glo.bo/3rJAeEr>. Acesso: 11 de fevereiro de 2022.

GANDRA, Alana. Pesquisa revela que 19 milhões passaram fome no Brasil no fim de 2020. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3LtVeqr>. Acesso: 11 de fevereiro de 2022.

A autora

Lígia Isis Pinto Bernar é mestranda em Comunicação, Cultura e Amazônia na Universidade Federal do Pará (2022). Integrante no Grupo de Pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (COMPOA) da UFPa. E-mail: bernarligia@gmail.com

Data de submissão: 15/02/2022

Data de aprovação: 16/05/2022